

Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO POPULAR E PROMOÇÃO DE
TERRITÓRIOS SAUDÁVEIS NA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO**

SÁVIA AUGUSTA OLIVEIRA RÉGIS

**NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA SOBRE O CUIDADO NO PERCURSO
PEDAGÓGICO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO POPULAR,
PROMOÇÃO DE TERRITÓRIOS SAUDÁVEIS E CONVIVÊNCIA COM O
SEMIÁRIDO**

EUSÉBIO – CE

SETEMBRO DE 2020

SÁVIA AUGUSTA OLIVEIRA RÉGIS

**NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA SOBRE O CUIDADO NO PERCURSO
PEDAGÓGICO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO POPULAR,
PROMOÇÃO DE TERRITÓRIOS SAUDÁVEIS E CONVIVÊNCIA COM O
SEMIÁRIDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora do Curso de Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, Fiocruz - Ceará.

Orientadora: Prof. Dra. Vera Lúcia de Azevedo Dantas

EUSÉBIO – CE
SETEMBRO DE 2020

Catálogo na fonte
Fundação Oswaldo Cruz
Escritório Técnico Fiocruz Ceará
Biblioteca Fiocruz Ceará
Gerada mediante dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R337n Régis, Sália Augusta Oliveira.
Narrativa Autobiográfica sobre o Cuidado no Percorso
Pedagógico do Curso de Especialização em Educação Popular,
Promoção de Territórios Saudáveis e Convivência com o
Semiárido. / Sália Augusta Oliveira Régis. – 2020.
44 f. : il. : color.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Lúcia de Azevedo Dantas.
TCC (Especialização em Educação Popular e Promoção
de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido) –
Fundação Oswaldo Cruz, Eusébio, CE, 2020.

1. Educação Popular. 2. Cuidado. 3. Arte. I. Título.

CDD – 362.1068

SÁVIA AUGUSTA OLIVEIRA RÉGIS

NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA SOBRE O CUIDADO NO PERCURSO PEDAGÓGICO
DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO POPULAR, PROMOÇÃO DE
TERRITÓRIOS SAUDÁVEIS E CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à banca do Curso de Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz-CE como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido.

Banca Examinadora

Prof. Dra. Vera Lúcia de Azevedo Dantas (Presidente/Orientadora)

Fiocruz Ceará

Profa. Ms. Giselda Maria de Castro Lima

Centro de Defesa da Criança e do Adolescente

Profa. Dra. Maria Rocineide Ferreira da Silva

Universidade Estadual do Ceará

Data da Aprovação: ____ de _____ de 2020

EUSÉBIO-CE

AGRADECIMENTOS

À Deus, Ser Supremo, por conceder com tanto amor minha vida, guiar meus passos nos caminhos de luz me permitindo experiências incríveis de aprendizado, crescimento e evolução. Gratidão!

Ao Universo que me permite sonhar, viver, lutar e seguir!

À minha querida mãe, Graça, mulher guerreira que tanto me ensinou que o estudo era o bem mais precioso da vida e que era a única coisa que ela podia deixar para mim. Minha gratidão a você minha mãe por tudo. Gratidão!

À você, meu querido pai, Sávio, que sempre me incentivou a estudar como forma de vencer na vida. Minha gratidão por seus conselhos e incentivos. Gratidão!

À vocês meus queridos irmãos, Sandino e Sávio Filho por crescerem comigo e por me tornarem irmã. Pelas brincadeiras, companhia, aprendizados, confiança e carinho. Gratidão!

À você, meu querido e amado José, companheiro de todas as horas, por caminhar comigo por caminhos alegres e desafiantes. Por sempre está comigo me fortalecendo, me apoiando, me suportando, me amando. Sem você não teria conseguindo finalizar este trabalho. Seu cuidado com nosso filho e com os afazeres em casa, nesse período de escrita deste TCC foi fundamental para a finalização do mesmo. Eu te amo! Gratidão!

À você meu querido e amado filho Kayodê, por me fazer mãe, por me ensinar, por caminhar comigo, por aceitar minha ausência durante a escrita deste trabalho. Seu carinho, seu sorriso, seus abraços me fortaleceram na escrita deste TCC. Eu te amo! Gratidão!

À vocês Alessandra e Osmar, pela acolhida e cuidado, por tanto carinho, pela companhia, apoio e amizade, por sempre estarem comigo nos caminhos e escolhas. Gratidão!

À vocês Mônica e Mailton, por me acolherem, por todo amor, pela companhia e apoio, em especial pelas diversas vezes que ficaram com o Kayodê durante o percurso deste curso. Gratidão!

À você Sibélia, minha querida amiga-irmã por todo carinho e companhia ao longo dessa nossa caminhada de amizade sincera. Gratidão!

À você Aline, pelo apoio, companheirismo, amizade, afetos e acolhida. Agradeço em especial neste momento pelas vezes que ficou com o Kayodê durante este curso, sendo assim agradeço aqui também a querida Marina, Albert e Caio. Gratidão!

À você Vera Dantas, que me acolheu e tanto tem cuidado de mim. Te admiro e te agradeço imensamente por tantos aprendizados, abraços, risos e principalmente pela troca de energia que tem me feito tão bem. Do fundo do meu coração, Gratidão!

À Fundação Oswaldo Cruz – Ceará por me proporcionar cursar essa especialização, momento ímpar da minha vida pessoal e profissional. Esse curso me fez aprender, crescer e evoluir. Gratidão!

Aos professores e professores deste curso que compartilharam conosco tantos aprendizados lindos, em especial, Ana Cláudia, Fernando Carneiro, Vanira Matos, Angela Linhares, Gigi Castro, Ray Lima. Gratidão!

Aos meus amigos e amigas que caminharam comigo no percurso desse curso, por compartilharem comigo seus saberes, afetos, risos e alegrias, em especial, Maiara, Sara, Joelma, Carla, Luiza, Flaviano, Vilma, Lailson, Gzim, Rita, Neidinha, Gilvan, Renata, Alex, Luana.

Às professoras que avaliaram esse trabalho, deixando suas contribuições e seus afetos, em especial, Gigi e Rocineide. Gratidão!

Sonhamos com um mundo ainda por vir, onde não vamos mais precisar de aparelhos eletrônicos com seres virtuais para superar nossa solidão e realizar nossa essência humana de cuidado e de gentileza. Sonhamos com uma sociedade mundializada, na grande casa comum, a Terra, onde os valores estruturantes se construirão ao redor do cuidado com as pessoas, sobretudo com os diferentes culturalmente, com os penalizados pela natureza ou pela história, cuidado com os espoliados e excluídos, as crianças, os velhos, os moribundos, o cuidado com as plantas, os animais, as paisagens queridas e especialmente o cuidado com a nossa grande e generosa Mãe, a Terra. Sonhamos e como compaixão imprescindível para com todos os seres da criação (BOFF, 1999, p.3)

RESUMO

O presente trabalho é um mergulho no percurso pedagógico do Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular, Promoção de Territórios Saudáveis e Convivência com o Semiárido tendo como foco o cuidado vivenciado durante essa trajetória de aprendizados, regado com arte, criatividade e afetos. A metodologia ancorou-se na autobiografização e no Círculo de Cultura. Tem como objetivo geral identificar como o cuidado se constitui no percurso pedagógico do Curso e como objetivos específicos: descrever como o cuidado se constituiu nas atividades pedagógicas do Tempo-Escola; narrar como as ações de cuidado durante o Curso me afetaram como educanda e analisar os diálogos que o Curso produziu no sentido de articular cuidado, arte e criatividade. No que diz respeito às atividades pedagógicas do Tempo-Escola, o cuidado esteve presente na matriz curricular do curso e se fez palpável em todo o percurso guiando a maioria das vivências sublinhando a importância do cuidado no processo de ensino e aprendizagem. A experiência considera os saberes, histórias, contextos, cultura e espiritualidade dos educandos configurando a dimensão cuidadora do curso e apontando para uma práxis pedagógica decolonial. O processo pedagógico rompe com a compartimentalização do conhecimento e com a perspectiva conteudista e traz a concepção de que se aprende com o corpo todo, na conexão entre razão e emoção e revelam a importância do cuidado de si, para o cuidado do outro e do mundo que necessitam estar conectadas. As produções artísticas elaboradas por meio da arte e do corpo ao longo do curso, desvelaram a ideia de arte também como forma de cuidado tendo propiciado integração, leveza para conteúdos densos, possibilidade de problematizar, refletir e produzir sínteses referenciadas pela promoção da saúde e o bem – viver.

Palavras-chave: Educação Popular. Cuidado. Arte.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO
2. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA
3. UMA VIAGEM PELO PERCURSO DO CURSO: UMA HISTÓRIA CIRCULAR DE ARTE E CUIDADO
 - 3.1 *“CUIDAR DO OUTRO É CUIDAR DE MIM, CUIDAR DE MIM É CUIDAR DO MUNDO”*
 - 3.2 CONSCIÊNCIA DE SI: SABERES, ARTE, CRIATIVIDADE E PRÁTICAS DE CUIDADO
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS
5. REFERÊNCIAS

1. INTRODUÇÃO

*“Na Educação Popular
Ninguém liberta ninguém
As pessoas se libertam
Compartilhando o que têm
Saberes, experiências,
Conhecimentos, vivências
Pra todos viverem bem.”
(Edson Oliveira)*

Eu vou contar uma história, que não é da Carochinha. Ela pode até ser tua, mas com certeza ela é minha... (Júnio Santos e Ray Lima). Essa história começa em 2017 quando um grupo de educadores e educadoras populares começa a sonhar com o Curso de Especialização/Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido. O curso foi sendo gestado por meio de encontros, diálogos, afetos, amorosidade, lutas e militância. Ele foi fruto da interação entre instituições e movimentos que se apoiaram na Política Nacional de Educação Popular em Saúde no Sistema único de Saúde - PNEPSSUS. A Articulação Nacional de Movimentos e Práticas em Educação Popular e Saúde – ANEPS e a Rede Saúde, Saneamento, Água e Direitos Humanos no Semiárido – RESSADH foram duas grandes articulações que organizaram esse curso tão desejado, juntamente com a Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ Ceará que executou e coordenou o Curso. Esse processo também contou com outras parcerias, como, Universidade Estadual do Ceará – UECE, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, Secretaria da Saúde do Estado do Ceará – SESA/CE, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, Escola de Saúde Pública do Ceará – ESP/CE, Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza, Cáritas Brasileira Regional do Ceará, Centro de Estudos do Trabalho e Assessoria ao Trabalhador – CETRA e o Conselho Pastoral dos Pescadores e Pescadoras – CPP.

A Educação Popular é um espaço onde elaboramos o conhecimento de forma coletiva. Não existe quem sabe mais ou quem sabe menos, existem saberes diferentes, já nos disse o grande mestre Paulo Freire. O conhecimento se dá de forma circular, onde nesse círculo todas as pessoas compartilham seus conhecimentos, desde criança, jovem, adulto, médico,

rezadeira, analfabeto, doutor, professor. Não existe detentor do conhecimento existe a troca, a partilha de conhecimentos e saberes. As educadoras e educadores populares atuam mediando o processo de forma dialógica, democrática e amorosa.

O Curso foi organizado em três Unidades de Aprendizagem – UA composta por seis módulos, cuja carga horária foi distribuída em Tempo Escola – TE (258 horas/aula) e Tempo Comunidade – TC (108 horas/aula). Foram destinadas 100 horas para elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso – TCC. Os seis módulos do Curso aconteceram em sistema de imersão de sete dias, com carga horária de 70 horas/aula, na cidade de Fortaleza, divididos em três UA.

Considerando a Pedagogia da Alternância, cada Unidade de Aprendizagem era intercalada por um Tempo-Comunidade, onde educandas e educandos deveriam realizar atividades nos seus territórios de origem. Para cada Tempo-Comunidade uma tarefa nos foi dada como missão a ser cumprida. Na UA 1 realizamos uma Cartografia Social identificando o que promove e o que ameaça a vida e a saúde no território. Na UA 2 realizamos um projeto de intervenção à partir do que foi identificado como ameaça no território. Na UA 3 sistematizamos uma experiência do território.

Percorremos o ano de 2019 com envolvimento direto e amoroso com o Curso de Especialização. As aulas iniciaram no começo do ano, a primeira UA foi em janeiro de 2019. A segunda UA aconteceu em abril e a terceira e última UA foi realizada no mês de junho. Para cada intervalo de tempo entre uma UA vivemos momentos incríveis nos territórios. É importante socializar nesse TCC que antes da realização da UA 3 tivemos um corte de recursos, o que afetou bastante a continuidade de nossas atividades. Porém não desistimos e resistimos pensando alternativas e soluções para a continuidade e finalização. Dessa forma, seguimos nos mobilizando e pensando estratégias e sou feliz em dizer que conseguimos vivenciar a UA 3 e os Encontros Regionais entre os meses de agosto e setembro e por fim o Encontro Interestadual em outubro mesmo com o corte do financiamento para nosso curso.

Todo o processo do Curso foi suleado pelos ensinamentos de Paulo Freire, afinal o Curso é intitulado: Educação Popular, Promoção de Territórios Saudáveis e Convivência com o Semiárido, dessa forma, não tinha como não ter na sua estrutura curricular e nas ações pedagógicas as teorias e práticas freirianas. Esse educador nordestino que tantas vezes é desvalorizado no Brasil por falar de educação, liberdade, democracia, diálogo, amor e tantos outros princípios que nos conduzem para uma educação libertadora que problematiza a realidade, ampliando a visão de mundo e buscando soluções para situações-limite.

Os Tempos- Escola foram de muita riqueza, profunda integração, partilhas, cuidados, afetos e muita elaboração do conhecimento. Quando se encerrava cada Unidade de Aprendizado voltávamos para os nossos territórios com uma potente força de esperança, transformação, alegria e desejos de mudança.

Essa forma de pensar e conceber a educação como um espaço de elaboração do conhecimento de forma criativa, amorosa, cuidadosa e problematizadora fez parte da matriz curricular e de nossas aulas. Aprendemos com amor, usando o corpo todo. Nossas aulas iniciavam com a mística inicial preparada por grupos específicos (os NAEs). Tivemos ciranda, afoxé, toré, samba, brincadeiras cantadas. Poesias, música, teatro, dança, cenopoesia. O aprendizado pulsou em arte, beleza e alegria. O último módulo, foi o módulo do Cuidado. Nele cuidamos e fomos cuidadas e cuidados. Biodanças a vida, constelamos nossas histórias, exaltamos o Sagrado Feminino, os pés foram cuidados com escalda-pés e reflexologia. Não posso esquecer também do Corredor do Cuidado onde fomos capazes de transmutar nossas tristezas cuidando e sendo cuidada. Nesse sentido Paulo Freire e Leonardo Boff enfatizam a importância do Cuidado como dispositivo que deve estar presente nas práticas educativas. É preciso falar, mas também vivenciar práticas de cuidado e afeto para que elaboração do conhecimento aconteça de forma prazerosa e intensa. A aprendizagem deve acontecer com alegria, amor e afetos. Deve ser vivida durante todo o percurso e não só apenas no final. Ela faz parte de todo processo *A alegria não chega apenas no encontro do achado mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria* (FREIRE, 1996, p. 142)

Os Tempos- Comunidade serviram para que pudéssemos aprofundar e partilhar todo o vivido no Tempo-Escola. Era um paralelo vivido entre os intervalos de imersão. Percebi como forma de continuar a elaboração do conhecimento mesmo sem está na “sala de aula”. E o mais potente disso é partilhar com seu grupo, com seu territórios os conhecimentos apreendidos. Ou seja, fazendo circular o que foi aprendido com pessoas que não eram educandas formais do Curso.

Nos territórios vivemos os Tempos-Comunidade, onde a partir de cada UA deveríamos realizar o “prazer de casa”. Na UA 1 nossa missão foi cartografar o nosso território identificando o que promove e o que ameaça a vida e a saúde no território. No meu território de atuação, o bairro Pici, localizado na periferia da cidade de Fortaleza, identificamos que a promoção da vida e saúde no nosso bairro se dava por meio de muitos grupos, entidades,

associações e lideranças, porém que esses grupos estavam desarticulados e isso ameaçava de certa forma o território. Realizamos essa atividade no mês de março de 2019.

Na UA 2 a tarefa foi pensar um projeto de intervenção a partir da ameaça identificada na Cartografia Social. Dessa forma a ideia foi a criação de uma Rede do Pici. Uma rede que pudesse congrega os grupos, associações, entidades, lideranças, igrejas, terreiros, centros espíritas e quem mais quisesse chegar para problematizar, refletir e intervir no bairro. Sendo assim, junto com o grupo que havia participado da Cartografia Social, no mês de julho de 2019 criamos e lançamos a Rede do Pici. O encontro aconteceu no espaço Margarida Alves, onde está sediado o Grupo de Desenvolvimento Familiar – GDFAM e o Centro Ubuntu de Arte Negra – CUAN. A ONG Diaconia foi parceira deste processo. Esse encontro contou com a presença de diversos grupos da comunidade, dentre eles, o Grupo de Desenvolvimento Familiar – GDFAM, o Espaço Cultural Tito de Alencar – ESCUTA, Conselho Local de Saúde, Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, Conselho Gestor das Zonas Especiais de Interesse Social – ZEIS e Pastoral da Criança. Nesse dia as experiências da Rede de Articulação do Jangurussu e Ancuri – REAJAN e Rede de Desenvolvimento Local e Sustentável do Grande Bom Jardim – DLIS foram socializadas para servirem como inspiração para a constituição da Rede do Pici.

Já na última UA tivemos como missão sistematizar uma experiência do território. Sendo assim, sistematizamos as vivências do Centro Ubuntu de Arte Negra - CUAN. Grupo do qual eu participo, juntamente com José Soares e Gilvan de Souza que também foram educandos do Curso. Realizamos essa atividade nos meses de julho a setembro. E como produto de socialização para apresentação no Encontro Regional e Encontro Interestadual fizemos uma contação de histórias.

Sendo assim, ressalto que vivemos momentos singulares durante todo o percurso da especialização. Vivenciamos a educação popular com suas problematizações, práticas, alegrias, afetos e cuidados. O processo de aprendizagem se deu de forma alegre, envolvente e intensa, pois afinal não existe prática educativa sem alegria e sem afeto, como ressalta Paulo Freire:

É preciso, por outro lado, insistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescindida da formação científica séria e da clareza política dos educadores e educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança, ou lamentavelmente, da permanência do hoje. (FREIRE, 1996, p. 142-143)

Ou seja, não existe prática pedagógica sem alegria, sem amor, sem afeto, sem cuidado e é por meio da mística, da arte, da integração que acontece o acolhimento, as reflexões e problematizações e posteriormente as propostas interventivas na busca do inédito viável. Educação Popular a serviço da mudança, da transformação. Não tem como passar por um processo desse e não está a serviço de melhorias sociais, de uma sociedade justa, com direitos respeitados e onde respiremos o bem-viver.

E porque pensar um Curso que pudesse ter em sua matriz curricular e em suas ações pedagógicas a alegria, o afeto, o amor e o cuidado como parte do processo de ensino-aprendizagem? Porque o cuidado é fundamental para a vida humana, precede outras situações e princípios. É um modo de ser, de se estruturar para conhecer, como afirma Leonardo Boff,

Um modo-de-ser não é um novo ser. É uma maneira do próprio ser de estruturar-se e dar-se a conhecer. O cuidado entra na natureza e na constituição do ser humano. O modo-de-ser cuidado revela de maneira concreta como é o ser humano.

Sem o cuidado, ele deixa de ser humano. Se não receber cuidado, desde o nascimento até a morte, o ser humano desestrutura-se, definha, perde sentido e morre. Se ao largo da vida, não fizer com cuidado tudo o que empreender, acabará por prejudicar a si mesmo e por destruir o que estiver à sua volta. Por isso o cuidado deve ser entendido na linha da essência humana (que responde à pergunta: o que é o ser humano?). O cuidado há de estar presente em tudo. Nas palavras de Martin Heidegger: —cuidado significa um fenômeno ontológico - existencial básico. Traduzindo: um fenômeno que é a base possibilitadora da existência humana enquanto humana (BOFF, 1999, p.12)

Podemos perceber que o cuidado é primordial para a vida humana, desde o nascimento até a morte. Toda a trajetória humana deve ser vivida na base do cuidado, pois ele precede o aprendizado, as relações, os sonhos. Sem cuidado não existe vida. A vida pulsa à partir do cuidado. O cuidado é uma maneira de ser, de estruturação dos pensamentos, sentimentos e emoções para poder conhecer, aprender. A essencialidade da vida humana não se encontra na inteligência, na liberdade ou na criatividade, só se chega nesses campos a partir de um cuidado prévio. O cuidado antecede e dá suporte para a inteligência, liberdade, criatividade, como ressalta ainda Boff:

Essa anti-realidade afeta a vida humana naquilo que ela possui de mais fundamental: o cuidado e a com-paixão. Mitos antigos e pensadores contemporâneos dos mais profundos nos ensinam que a essência humana não se encontra tanto na inteligência, na liberdade ou na criatividade, mas basicamente no cuidado. O cuidado é, na verdade, o suporte real da criatividade, da liberdade e da inteligência. No cuidado se encontra o ethos fundamental humano. Quer dizer, no cuidado identificamos os princípios, os valores e as atitudes que fazem da vida um bem-viver e das ações um reto agir (BOFF, 1999, p.1)

Ou seja, não existe aprendizagem sem cuidado aos educandos e educandas. Não existe ensino-aprendizagem sem afetos, alegrias e relações. É no cuidado que crescemos, aprendemos, evoluímos e constatamos os princípios, valores e atitudes que devem reger a nossa vida na forma do bem-viver.

Entendendo dessa forma que o cuidado é um ato primogênito para a vida humana, de que sem ele não existe continuidade, o curso de especialização insere na sua matriz curricular esse conteúdo para ser aprendido e vivido durante as aulas, como forma de aprendizagem, integração, afetos e curas. Propiciando aos educandos e educandas o espaço do curso como espaço de cuidado, amorosidade, aprendizagem e inclusive desencadeando processos de autoconhecimento, possibilitando a autocura. É mais do que um curso qualquer de especialização. Foi um curso que prezou pela relação amorosa de cuidado e de amor para construção e elaboração do conhecimento, entendendo e colocando em prática o que Freire e Boff trazem em suas teorias sobre uma prática pedagógica que respeita e cuida de educandos e educandas, respeitando seus processos, suas dores, sua história e sua autonomia.

O fato de ter esse cuidado tão presente no curso, de ser cuidada e amparada me propiciou processos de autoconhecimento, chegando a gerar curas no meu íntimo. Fiquei muito impressionada com o fato de ser cuidada cursando uma especialização. Afinal fiquei me perguntando quais cursos de especialização tem em sua matriz curricular e em suas ações pedagógicas o cuidado perpassando suas atividades? Foi a partir daí que despertou em mim o interesse em poder falar, estudar e pesquisar o Cuidado no percurso pedagógico do curso de Especialização em Educação Popular, Promoção de Territórios Saudáveis e Convivência com o Semiárido. E nada mais significativo do que poder narrar essa trajetória com todos os impactos e ensinamentos que tiveram para mim enquanto educanda deste curso, educadora popular, artista, mãe, mulher, gente, sujeita de direito!

Estudar o tema do cuidado no percurso pedagógico deste curso de especialização significa identificar, perceber o cuidado como princípio fundamental para aprendizagem, pois não pode existir ensino-aprendizagem sem amor, sem afetos, sem relações, sem alegria, sem cuidado. É a possibilidade de deixar cair os véus que cobrem a educação bancária que rotula os educandos e educandas passando por cima de seus sentimentos, emoções e autonomia.

Assim sendo, tracei os objetivos dessa pesquisa que tem delineado como objetivo geral: Identificar como o cuidado se constitui no percurso pedagógico do Curso de Especialização/Aperfeiçoamento em Educação Popular, Promoção de Territórios Saudáveis e Convivência com o Semiárido. E os objetivos específicos que são: descrever como o cuidado se constituiu nas atividades pedagógicas do Tempo-Escola; narrar como as ações de cuidado

durante este Curso me afetaram como educanda e por fim analisar os diálogos que o Curso produziu no sentido de articular cuidado, arte e criatividade.

2. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

O caminho metodológico trilhado nessa pesquisa parte da metodologia da narrativa autobiográfica. Esse método vem sendo utilizado em diversas pesquisas para produção de conhecimentos, como, afirma Braga,

Nesse sentido, as histórias de vida, biografias, autobiografias e narrativas individuais e coletivas vem sendo utilizadas na pesquisa em educação enquanto processo de produção de conhecimento relativo à escola e ao ensino, à formação, ao trabalho docente e demais aspectos relacionados ao fenômeno educacional. O estado da arte mostra que não se trata apenas de uma tendência contemporânea, mas de um campo que, ao longo das últimas três décadas, desenvolveu uma teorização e um estatuto epistemológico próprio, tornando-se um método científico autônomo e reconhecido no meio acadêmico (BRAGA, 2013, p.89-90)

Percebemos na afirmação de Braga que o método da narrativa autobiográfica vem crescendo e tornando-se cada vez mais uma metodologia reconhecida cientificamente, pois ela produz conhecimento à partir de narrativas tanto individuais como coletivas.

As pesquisas desenvolvidas por meio da metodologia da narrativa autobiográfica possibilitam processos reflexivos que são capazes de questionar heranças e a continuidade ou quebra de rupturas e paradigmas por meio de projetos de vida. Essa reflexão da narrativa de si envolve os sujeitos e sujeitas de forma emocional, fazendo-os pensar, imaginar, apreciar, sensibilizar-se, amando, se afetando com as questões trazidas nas percepções de sua própria narração, como, ressalta JOSSO (2007):

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social. As subjetividades expressas são confrontadas à sua freqüente inadequação a uma compreensão liberadora de criatividade em nossos contextos em mutação. O trabalho sobre essa subjetividade singular e plural torna-se uma das prioridades da formação em geral e do trabalho de narração das histórias de vida em particular. (JOSSO, 2007, p. 414-425)

Dessa forma os envolvidos e envolvidas no processo tem a possibilidade de trabalharem questões voltadas para a identidade e essência existencial, analisando e interpretando as histórias de vida escritas e narradas (BRAGA, 2013).

A técnica utilizada para construção da narrativa desta pesquisa foi o ateliê biográfico que partiu de uma visualização criativa e de palavras geradoras tendo como referência o Círculo de Cultura, seguida da narrativa gravada e posteriormente transcrita.

O Círculo de Cultura foi uma metodologia criada por Paulo Freire na década de 90, que propõe que a aprendizagem aconteça por meio da problematização da realidade do educando e da educanda, como podemos ver em DANTAS (2014),

Sistematizados por Paulo Freire (1991) os Círculos de Cultura estão fundamentados em uma proposta pedagógica, cujo caráter radicalmente democrático e libertador propõe uma aprendizagem integral, que rompe com a fragmentação e requer uma tomada de posição perante os problemas vivenciados em determinado contexto (DANTAS, 2014, p.73)

Os Círculos de Cultura são espaços de ensino-aprendizagem de forma integral, onde educandos e educandas repensam a vida e tomam decisões a partir de situações problematizadoras do cotidiano. Ampliam a visão de mundo olhando para situações problema por meio de um tema gerador,

Neste sentido é que a investigação do tema gerador, que se encontra contido no “universo temático mínimo” (os temas geradores em interação), se realizada por meio de uma metodologia conscientizadora, além de nos possibilitar sua apreensão, insere ou começa a inserir os homens numa forma crítica de pensarem seu mundo. (FREIRE, 2005, p. 112)

Ou seja, esse espaço do Círculo de Cultura propicia inicialmente a leitura de mundo problematizando a realidade para depois se pensar estratégias para mudanças de realidades e padrões. Os Círculos são guiados pelos conhecimentos prévios de educandos e educandas que são convidados a olhar para sua realidade com outras lentes. É uma possibilidade de investigação que parte da realidade, como afirma FREIRE (2005),

Investigar o tema gerador é investigar, repitamos, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis.
A metodologia que defendemos exige, por isto mesmo, que, no fluxo da investigação, se façam ambos sujeitos da mesma – os investigadores e os homens do povo, que aparentemente, seriam seu objeto.
Quanto mais assumam os homens uma postura ativa na investigação de sua temática, tanto mais aprofundam a sua tomada de consciência em torno da realidade e, explicitando sua temática significativa, se apropriam dela.
(FREIRE, 2005,p. 114)

Investigar a partir do Círculo de Cultura significa uma atuação sobre a própria realidade. É uma investigação que propõem uma postura ativa aprofundando e problematizando o cotidiano. Dessa forma, esse movimento propicia uma tomada de consciência de educandos e educandas que passam a aprender com as questões da sua própria vida, não é nada externo, é algo real, do cotidiano que muitas vezes passa despercebido por razões diversas. Sendo assim, unimos Círculo de Cultura, palavras geradoras e ateliê autobiográfico na construção deste trabalho, DANTAS (2014) ressalta,

A Tematização, ou seja, processo no qual os temas e palavras geradoras são codificados e decodificados buscando a consciência do vivido, o seu significado social, possibilitando a ampliação do conhecimento e a compreensão dos educandos sobre a própria realidade, na perspectiva de intervir criticamente sobre ela. O importante não é transmitir conteúdos específicos, mas despertar uma nova forma de relação com a experiência vivida. (DANTAS, 2014, p. 74)

As palavras geradoras e o ateliê autobiográfico propiciaram que eu pudesse refletir sobre esse percurso no curso, enfatizando o cuidado em todo esse processo. Foi um mergulho intenso e profundo. As palavras geradoras desta narrativa autobiográfica foram: **acolhimento, percepções, amorosidade, arte, escuta, diálogo, cuidado, resiliência, força coletiva**. Essas palavras embalaram minha narrativa com emoções, afetos e problematizações me propiciaram ser sujeita dessa investigação, produzindo teoria a partir do meu lugar de fala problematizando minha realidade e conseqüentemente problematizando-me (DANTAS, 2014).

O primeiro momento dessa investigação iniciou com um passeio por minha memória afetiva através de um relaxamento induzido, onde minha querida orientadora, Vera Dantas me guiou por uma viagem no tempo, nesse percurso fiz visualizações criativas de imagens e aí também surgiram as palavras geradoras. Retornei ao começo do Curso, antes mesmo da primeira Unidade de Aprendizagem. Voltei no primórdio, lá no processo seletivo. Depois seguimos para as Unidades de Aprendizagens, Tempos-Escola, Tempos-Comunidade, Cartografia Social, Intervenção, Sistematização, Encontro Regional, Encontro Interestadual até chegar no Trabalho de Conclusão de Curso. Após o relaxamento, minha orientadora entregou papeis e lápis de cor e solicitou que eu desenhasse os momentos mais marcantes do curso, dividindo-os em três tempos: UA 1, UA 2, UA 3. Cada desenho deveria conter palavras-chave para cada determinada UA. Finalizados os desenhos, sentamos e, ancoradas nas palavras geradoras e no que havia desenhado, iniciei a narrativa, verbalizando a minha retrospectiva do curso. Toda a minha fala foi gravada e transcrita posteriormente. Foi a partir

dessa narrativa que eu pude me debruçar para realizar as análises, diálogo com autores e autoras e tecer minhas considerações finais para este trabalho.

3. UMA VIAGEM PELO PERCURSO DO CURSO: UMA HISTÓRIA CIRCULAR DE ARTE E CUIDADO

Cheguei no capítulo da narrativa em si. Aqui irei contar essa história circular de arte e cuidado que aconteceu no curso de Especialização e Aperfeiçoamento de Educação Popular, Promoção de Territórios Saudáveis e Convivência com o Semiárido. Essa viagem começa desde o início, ainda no processo seletivo, em outubro de 2018 e segue contando todo o percurso vivenciado. O capítulo está dividido em dois subtópicos. O primeiro que tem como título *“Cuidar do outro é cuidar de mim, cuidar de mim é cuidar do mundo”*, vai narrar desde o começo da trajetória e o desenvolvimento das atividades do Tempo – Escola e do Tempo – Comunidade. Já o segundo subtópico que tem como título, *Consciência de si: saberes, arte, criatividade e práticas de cuidado* irão refletir especificamente sobre o Cuidado no percurso do curso.

3.1 *“CUIDAR DO OUTRO É CUIDAR DE MIM, CUIDAR DE MIM É CUIDAR DO MUNDO”*

Quando saiu o edital do curso, eu estava trabalhando como bolsista na Secretaria da Saúde do Estado do Ceará, contribuindo na elaboração do Plano Cearense de Educação Permanente em Saúde, porém estava certa de que precisava participar do processo de seleção do curso e adentrar nessa especialização tão sonhada e desejada por mim desde o primeiro momento que escutei falar sobre a mesma quando estava educadora popular no EdPopSUS. Viver a experiência do EdPopSUS foi de profunda entrega e renascimento, dessa forma eu pensava que viver essa especialização seria de grandes aprendizados e renascimentos também, pois como afirma Ray Lima a gente nasce uma vez, porém renascemos diversas vezes ao longo da vida, em lugares e situações diferentes. Reforço aqui como a experiência do EdPopSUS foi extremamente marcante na minha vida profissional, mas principalmente pessoal, me fazendo acreditar sim no SUS, mesmo com todos os percalços e negações de direitos aos usuários. Falo isso porque perdi minha mãe esperando transferência para um leito

em um hospital de grande porte em Fortaleza...mas não deu tempo... Ela partiu. Foi tudo rápido... Uma semana e ela se foi. Não conseguiu sequer morrer com dignidade. O EdPopSUS chega na minha vida dentro deste meu contexto de luto para me mostrar que sim, vale a pena lutar pela universalização real do SUS.

A especialização era então a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos na educação popular em saúde e poder desenvolver saberes, sonhos, desejos, perspectivas e com certeza viver experiências únicas e incríveis. Essa era uma chance que eu não podia perder naquele momento. No meio desse desejo enquanto eu estava bolsista na SESA, eis que surge uma oportunidade de trabalho com carteira assinada, porém se eu topasse esse trabalho não conseguiria acompanhar a especialização, pois não seria possível ficar imersa nos módulos de estudos, nas unidades de aprendizagem. No entanto, decidi que queria cursar a especialização e assim fiz, pois naquele decidi por realizar plenamente em meus desejos e vontades fazendo e aumentando assim o poder de meu *conatus*¹ partindo das concepções de Spinoza (1983),

Ora, isso significa que na ação o *conatus* (alma e corpo) incorpora o exterior *graças ao seu próprio poder*, enquanto na paixão ele se torna incapaz disso. Assim, Espinosa definirá ação e paixão em termos de causa adequada e de causa inadequada: "Somos ativos quando em nós ou fora de nós ocorre algo de que somos a causa adequada, isto é, quando em nós ou fora de nós ocorre algo que depende apenas de nosso poder. Somos passivos, ao contrário, quando em nós ou fora de nós ocorre algo de que somos causa inadequada, isto é, quando o que ocorre em nós ou fora de nós não depende de nosso próprio poder." A ação é uma potência positiva, a paixão, um declínio da potência. O homem livre não é aquele que decide o que quer, como quer e onde quer. O homem livre é aquele que, conhecendo as leis da Natureza e as de seu corpo, não se deixa vencer pelo exterior, mas sabe dominá-lo. A partir daí, Espinosa definirá a essência humana pelo desejo. O desejo é a tendência interna do *conatus* a fazer algo que conserve ou aumente sua força. O desejo do homem livre é o desejo no qual, entre o ato de desejar e o objeto desejado, deixa de haver distância para haver união. (Spinoza, 1983,p.16)

Foram esses sentimentos de autoconhecimento e tomadas de decisões no qual eu quem tinha controle e livre arbítrio para a decisão, e tinha consciência que aceitar aquela proposta de trabalho poderia me oferecer uma imensidão de coisas que potencializariam a minha vida, que a recusa iria me colocar em uma instabilidade financeira, todavia eu iria posteriormente perder o poder de decisão sobre outras coisas e dimensões da minha vida pessoal me tornando extremamente *passiva* diminuindo meu poder do *conatus*. Fiz a opção pelo “*homem livre*” de

¹ O movimento interno do corpo e o nexa interno das ideias na alma constituem a essência do homem — essa essência se denomina *conatus*...

Spinosa. Mulher livre, pois conhecendo a natureza do trabalho e meu corpo, lúdico, poético livre e avesso as rotinas mórbidas, optei pelo desejo em colisão com o corpo livre potencializando assim a força do conatus, dos meus sonhos e realizações. Dessa forma, seguiram as etapas de seleção e o desejo se realizou! Fui selecionada para participar deste processo que ao longo dos meses reafirmaram que foi acertada minha decisão de fazer o Curso de Especialização/ Aperfeiçoamento em Educação Popular, Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido. Foram vivências, experiências e aprendizados que ficaram marcados na minha vida por tudo que ela me trouxe. Posso dizer que renasci novamente nesta especialização. Sou muito grata!

Poucos dias antes do encontro com minha orientadora, isso era dezembro de 2019, poucos dias antes do reveillon, onde eu iria produzir a narrativa, sonhei com o percurso do curso. Me veio no sonho todo o curso e no mesmo eu dizia que tinha sido um grande feito na minha vida no ano de 2019, ter participado do curso de Especialização em Educação Popular, Promoção de Territórios Saudáveis e Convivência com o Semiárido. No sonho, passaram várias cenas como se eu tivesse refeito o caminho, que posteriormente fiz no ateliê autobiográfico. A vivência do curso ficou marcada em mim, fisicamente, emocionalmente, intelectualmente e no meu inconsciente. Todas essas marcas estão registradas nesse trabalho, onde a partir desse trecho do texto inicio falando dos primeiros momentos do curso e sigo nos próximos capítulos até a finalização deste ciclo de tanta beleza, poesia, afetos e cuidados.

Passado o processo de seleção e o ingresso na especialização fui convidada para participar da mística de abertura do curso. Me senti privilegiada, honrada e muito feliz de poder contribuir na abertura e na acolhida das pessoas que iriam chegar naquele momento. Dessa forma a imagem que me vem muito forte na cabeça é aquele momento da grande roda quando o poeta Ray Lima junta todo mundo, em várias rodas, círculos dentro de outros círculos. Não era só uma roda eram várias rodas, e todo mundo se juntando e o calor pulsando. Um calor gigante, calor humano, energia vital! E dessas rodas, canções, poesias, músicas e danças, o que me vem muito forte é justamente a cena onde estamos cantando, dançando e nos acolhendo e o cenopoeta canta,

Nossa história é tão antiga!
Se eu for contar, você duvida
Desde os tempos de Zumbi,
Balaios e Cariris,
Nosso povo passa fome
Sem terra, casa, sem nome.
Nascemos nesse País.

De infeliz a esperançoso,
O trabalhador rural,
Dando provas de coragem,
Fé e organização,
Arrebentou cadeados,
Ocupou os descampados
De litoral, cerrado e sertão,
De litoral, cerrado e sertão.

(LIMA, 2013, p.139)

O cenopoeta Ray Lima iniciou a canção, mas pouco tempo depois todas as vozes ecoavam e cantavam juntas *“nossa história é tão antiga, se eu for contar você dúvida...”* (LIMA,2013,p.139), isso me arrepia e emociona, pois dizer que nossa história é tão antiga, resgata nossa ancestralidade e nos coloca num movimento de encontro e reencontro com as voltas da vida e do universo. Essa roda cenopoética e minha participação neste processo de acolhida marcou minha chegada no curso.

No decorrer do módulo, na Unidade de Aprendizagem I a discussão sobre território, as conversas sobre as concepções de território, só enriqueciam meu aprendizado e pulsava ainda mais minha curiosidade pelos próximos capítulos do curso. Nos foi apresentada a Cartografia Social, fizemos o exercício de cartografar coletivamente um bairro. No grupo que eu estava cartografamos o meu bairro de origem, o Jangurussu. Identificamos o que era potência e o que era ameaça nesse território, o que que promove a vida e o que produz morte. Perceber as lutas e o que existe nos territórios de onde a gente vem, foi poder compreender que apesar das singularidades temos muitas lutas que se encontram nessa coletividade no enfrentamento à lógica excludente, machista, racista, homofóbica, preconceituosa do capital.

Esse modelo de desenvolvimento capitalista que impacta e altera a vida de nossas comunidades tradicionais, tanto em contextos rurais, como também urbanos, interfere diretamente na saúde coletiva. Grandes empresas chegam e se apossam das terras das pessoas com propostas ilusórias. Por isso é importante mapear, cartografar o território identificando as potências e ameaças gerando assim um sentimento de pertença e fortalecimento. Uma das questões centrais sobre territorialização é conhecer o território com todos os seus saberes, espaços, culturas, economia, pessoas, grupos e tudo o que houver. Olhar e perceber o território como todo, inclusive percebendo e identificando aquilo que muitas vezes nem sabíamos que existia ou que não queremos ver por conta de estereótipos e paradigmas, como, podemos ver,

O modelo de desenvolvimento econômico promove impactos no modo de vida das comunidades e trabalhadores, tanto nos contextos rurais quanto urbanos, gerando agravos à saúde decorrente das alterações ambientais e da organização do trabalho.

(...) as relações de produção, ambiente e saúde são determinadas pelo modo de produção e consumo, consistindo na principal referência para a compreensão das condições de vida, do perfil de adoecimento e morte e a vulnerabilidade diferenciada dos segmentos sociais e a degradação ambiental. (PESSOA; RIGOTTO; CARNEIRO; TEIXEIRA, 2012, p. 2.254)

Ou seja, existem diversos fatores que interferem na vida das comunidades impactando os modos viver e existir no território. Trago aqui o chão do Pici, bairro na periferia de Fortaleza – Ceará. Lugar onde realizei as atividades do Tempo-comunidade do curso, através do Centro Ubuntu de Arte Negra – CUAN, juntamente com meus companheiros José Soares e Gilvan de Sousa. Percebi o quanto foi importante conhecer nosso território identificando suas potências e desafios para que assim pudéssemos pensar estratégias de intervenção em busca do bem-viver. O território que compõem o Pici, é uma Zona de Interesse Social – ZEIS, a qualquer momento corre o risco de suas famílias serem desapropriadas, tendo em vista que o bairro iniciou-se por meio de ocupação, nenhuma família possui o tal “papel da casa” a documentação que legaliza a moradia. Existem projetos que pretendem executar obras naquela região. Atualmente já existem muitos equipamentos, como, o North Shopping Jóquei, Hospital da Mulher e em construção o Hospital da Criança. Tudo isso faz com que cada vez mais grandes proprietários olhem para aquela região com outros olhos. A territorialização é de suma importância para nós que habitamos e atuamos em territórios vulneráveis e tão ameaçados por diversas situações.

É importante que essa territorialização aconteça de forma coletiva e participativa. Entendendo que as políticas públicas dialogam entre si, não existe saúde sem educação, sem moradia, sem comida, sem cultura, sem lazer, sem trabalho. Os contextos sociais, econômicos, políticos, culturais e ideológicos interagem. E é justamente essa ligação entre as políticas e contextos diversos que faz com que se consiga produzir uma visão integrada e integradora do território,

(...) é essencial discutir a concepção de território que ancora a política de saúde, entremeando-a ao contexto social, econômico, político, cultural e ideológico, bem como propor metodologias analíticas participativas de base territorial, considerando que a leitura integrada do espaço social necessita de uma visão de território, concebendo o espaço como um híbrido entre sociedade e natureza, entre política, economia e cultura, e entre materialidade e “idealidade”, numa complexa interação tempo-espaço. (PESSOA; RIGOTTO; CARNEIRO; TEIXEIRA, 2012, p. 2.254)

Pensar um mapeamento participativo que envolva as pessoas da comunidade, de diversos segmentos, inclusive crianças, adolescentes, jovens, idosos, dentre outros é de fundamental importância. A participação das pessoas é de fundamental importância, afinal o mapeamento vai apontar a realidade das mesmas, dessa forma não seria interessante que isso venha de cima para baixo como o ato onde somente a pesquisadora a partir de suas inquietudes vai buscando conhecer esse lugar de forma individualizada. As pessoas, os coletivos devem fazer parte desse processo como um todo até mesmo para pensar os passos futuros depois das percepções, olhares, análises e descobertas sobre o território.

Problematizar proporcionando uma reflexão crítica das realidades contidas no território, proporcionando reflexões acerca das potências e desafios do território, podendo inclusive identificar transformações ocorridos no território. Tudo isso perpassando e incorporando as dimensões socioafetivas, simbólicas e culturais. Respeitando e reconhecendo os saberes populares das comunidades, pois esses saberes não podem ser excluídos desse processo, eles revelam modos de vida, práticas de saúde, dentre outros aspectos da vida comunitária. São essas visões que faz com que se perceba uma visão integradora do espaço social, para o planejamento e execução de políticas que dialoguem entre si. A cartografia social propicia o agir. Planejar intervenções para o território à partir do que foi identificado no mapeamento. Esse passo também deve acontecer de forma coletiva, com o envolvimento da comunidade pensando ações que possam trazer bem-estar para a vida comunitária.

Cada pessoa carrega consigo seu território. Cada pessoa é um território vivo, ativo e pulsante de sabedorias e histórias. Cada lugar produz suas formas de viver, de ter saúde, de lutar. O território é local de subjetividades, como afirma SILVA (2014),

Além do seu sentido geográfico composto de seus elementos geofísicos ou geopolíticos, o território pode ser entendido a partir da noção de lugar. Um lugar é uma porção do espaço que, além de sua dimensão física, comporta redes de relações em que cada indivíduo produz certa identificação com o lugar. Cada lugar é *locus* de produção, de consumo, de adoecer, viver e de curar.

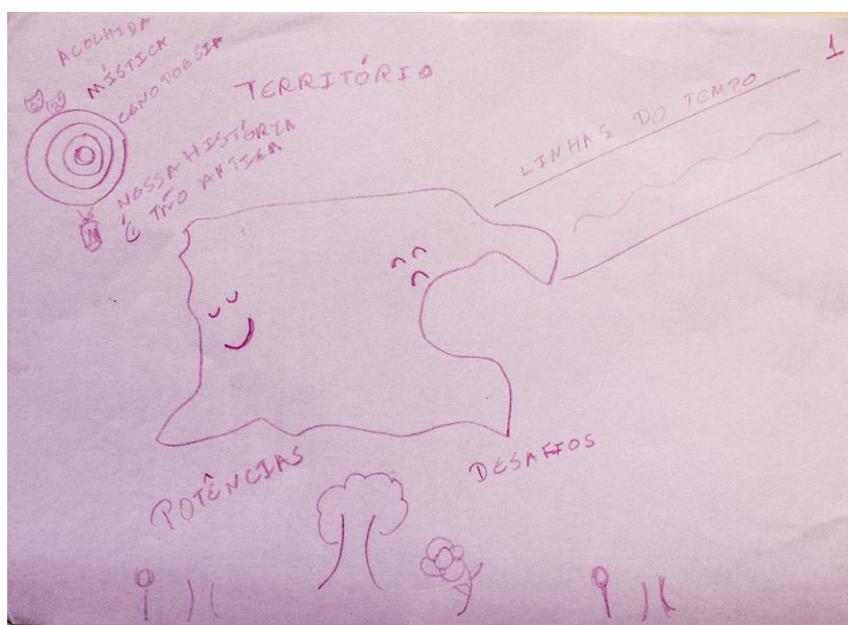
Sendo um lugar, no território emerge uma intensa produção subjetiva da articulação entre o desejo e o social. O início dessa produção acontece nos contatos entre os corpos, não apenas corpos humanos, mas de linguagens, saberes e percepções; e desses contatos surgem os afetos, as intensidades ou forças desejanças (SILVA, 2014, p.253)

Outra coisa que muito me marcou foi a construção de duas linhas do tempo. Construímos primeiramente a linha do tempo da educação popular e depois outra da

agroecologia. Olhar para essa história, da educação popular e da agroecologia, os caminhos percorridos até aqui, foi muito marcante pra mim. Discutimos também esse sistema capitalista opressor que nos inferioriza.

No meu desenho número 1, após a visualização criativa, desenhei uma árvore, uma flor e coloquei uma outra árvore sem copa representando a questão do desmatamento, mas na verdade representa o desmatamento como um todo, por exemplo, a perda de direitos sociais garantidos através dos tempos por meio das lutas e resistência dos movimentos sociais. As palavras geradoras escolhidas para este primeiro tempo foram **acolhimento** e **percepções**.

FIGURA 1 – DESENHO DO TEMPO 1

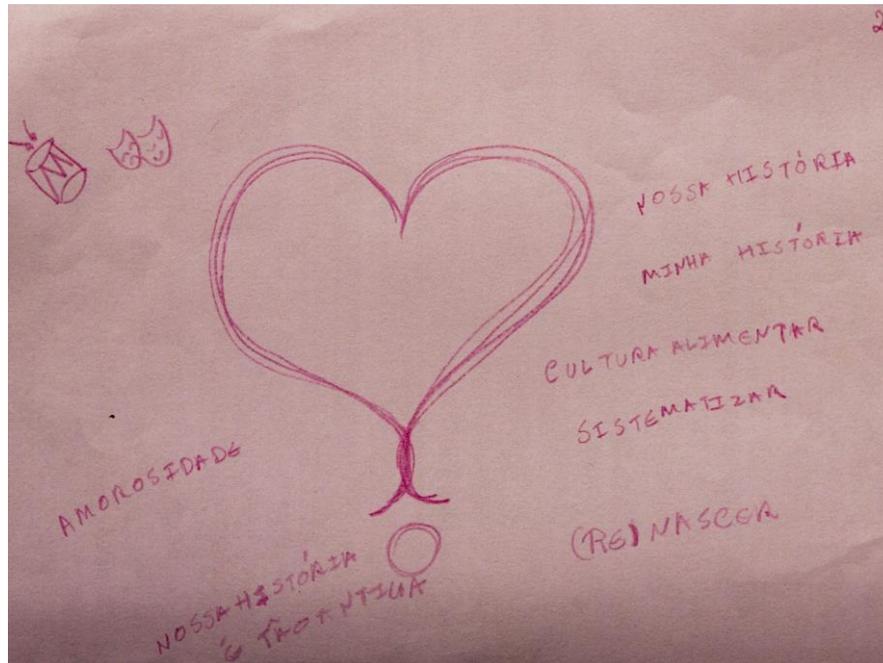


Fonte da imagem: Arquivo pessoal da autora

Neste desenho representando o tempo 1 trago também a imagem que simboliza um mapa, representando a cartografia social tão presente nessa Unidade de Aprendizagem, tanto no período de imersão, como também no momento do Tempo Comunidade. As carinhas alegre e triste significam as ameaças e as promoções de vida e saúde nos territórios. Os vários círculos mostram a mística de abertura, com arte, cenopoesia, vivências essas que perpetuaram durante a Unidade.

Seguindo com os desenhos feitos a partir da visualização criativa e que sulearam minha narrativa, apresento agora meu desenho do tempo 2,

FIGURA 2 – DESENHO DO TEMPO 2



Fonte da imagem: Arquivo pessoal da autora

No segundo tempo eu coloquei a palavra **amorosidade**. Para representar desenhei um coração em formato de Sankofa, ao redor da Sankofa desenhei duas máscaras de teatro, um tambor e escrevi as seguintes palavras: nossa história, minha história, cultura alimentar, sistematizar, (re)nascido e “Nossa história é tão antiga...”.

A Sankofa é uma adinkra. As adinkras são símbolos do povo de Gana na África Ocidental que representam um,

(...), conjunto ideográfico estampado em tecido, esculpido em pesos de ouro, talhado em peças de madeira anunciadores de soberania. Nele o princípio *Sankofa* significa conhecer o passado, para melhorar o presente e construir o futuro.

Adinkra significa adeus, e as pessoas das etnias acã usam o tecido estampado com os adinkra em ocasiões fúnebres ou festivais de homenagem. São mais de oitenta símbolos, destacados pelo conteúdo que trazem como ideogramas. Não só os desenhos do adinkra são estética e idiomáticamente tradicionais, como, mais importante, incorporaram, preservam e transmitem aspectos da história, filosofia, valores e normas socioculturais desses povos de Gana. (NASCIMENTO e GÁ, 2009, p. 22)

Sendo assim, cada adinkra tem um nome específico e representam determinado significado. A adinkra Sankofa que coloquei no meu desenho para representar a amorosidade

significa que, *nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás. Símbolo da sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro* (NASCIMENTO e GÁ, 2009, p. 40).

FIGURA 3 – ADINKRA SANKOFA



Fonte da imagem: Internet

A Sankofa também é representada por um pássaro que se volta para trás para pegar seu ovo, como podemos ver a seguir,

FIGURA 4 – ADINKRA SANKOFA



Fonte da imagem: Internet

Desenhei a Sankofa porque ela simboliza poeticamente para mim a Unidade de Aprendizagem II. Ela apresenta exatamente a ideia de sistematizar, pois o ato de registrar,

requer que olhemos para o passado. Porém não apenas olhar, mas refletir sobre para perceber as aprendizagens contidas nas experiências vividas, para assim planejar o futuro. Esse é o grande diferencial do trabalho da sistematização no campo da Educação Popular, ou seja, tudo o que foi vivido serve como base para aquilo que há de vir, afirma Oscar Jara Holliday,

A palavra sistematização, utilizada em diversas áreas, quer dizer principalmente classificar, ordenar ou catalogar dados e informações – “organizá-los em sistema”. Esta é a definição mais comum e difundida desta terminologia.

Contudo, no campo da Educação Popular e no trabalho em processos sociais, utilizamos o termo num sentido mais amplo. Referimo-nos não só a compilar e ordenar dados e informações, mas também a obter aprendizagens críticas a partir das nossas experiências. Como tal, não dizemos apenas “sistematização”, mas sim “sistematização de experiências (SE) (HOLLIDAY, 2006, p. 16)

Sistematizar a experiência do Centro Ubuntu de Arte Negra foi uma experiência incrível. Olhamos para nossa história, refletimos sobre as experiências buscando aprender com elas e projetamos sonhos futuros. Nossa sistematização teve como título: “*Aprender com o passado para construir o futuro*”: a trajetória do Centro Ubuntu de Arte Negra. A oportunidade de sistematizar, de olhar para nossa história, de registrar, foi profundamente marcante pra mim.

Ainda sobre meu desenho destaque, a palavra amorosidade, acompanhada das figuras de um tambor e duas máscaras do teatro, pois do mesmo modo que foi a Unidade de Aprendizagem I com muita arte e poesia assim também aconteceu a segunda Unidade. Essa “rotina”, esse modo de fazer, essa forma de elaborar o conhecimento, de estar ali com muita vivacidade, com muita plenitude, com muita alegria e muito amor, envolvendo sempre a arte, garantindo começos e fins que não fossem de qualquer jeito, foi fundamental durante todo o processo do curso para garantir sobretudo a aprendizagem, os encantamentos e até mesmo a transcendência, como podemos ver em DANTAS (2013),

As expressões artísticas, como espaços de criação e problematização, representam, também, a possibilidade da emergência do lúdico, do simbólico e das dimensões em geral subtraídas dos processos formativos (DANTAS, 2013, p.24)

A dimensão artística presente ao longo do curso de especialização não serviu como entretenimento, cumpriu uma função potente fazendo com que os conteúdos se tornassem poéticos, teatrais, dançantes e pulsantes em nossas mentes, corpos e corações. A ludicidade e a simbologia propiciaram criações e problematizações incríveis ao longo das Unidades de Aprendizagem. Com a arte foi possível criar e problematizar os diversos temas e assuntos a

serem aprendidos nesse processo de aprendizagem. A arte não é mero passatempo para entreter. Com arte é possível construir ciência, conhecimento, saúde. Porém ela na maioria das vezes é vista como mero “objeto” para divertir, para abertura e fechamento de atividades ou simplesmente é retirada dos processos formativos. Aqui a arte fez morada desde a matriz curricular até o cotidiano de nossas vivências de aprendizagens. Aqui ela se fez metodologia, se fez política, se vez viva no território de nossos corpos.

O cuidado também sempre esteve presente nas acolhidas, nos diálogos com os educandos e educandas. Sendo assim, escrevi também a palavra (re)nascido, pois como já ressalté anteriormente nesse trabalho, Ray Lima e Vera Dantas sempre enfatizaram o fato de que nascemos e (re)nascemos ao longo de nossa trajetória. Nascemos e (re)nascemos ao longo da nossa vida. Nascer em outros lugares, em outras situações, em outros contextos. Nasci uma vez do útero de minha mãe Graça, a ela toda minha gratidão! Porém no momento que me dei conta da existência dos (re)nascimentos, tendo escutado a primeira vez isso durante uma formação dos educadores do EdPopSUS, foi como me libertar e entender que posso sofrer, mas que esse sofrimento depois traz curas e é aí onde se encontra os (re)nascimentos. Na transmutação da dor. (re)nascido também pode se dar em outros contextos, de escolhas, aprendizados, enfim renascemos ao longo de nossa vida. Para mim isso foi muito forte! Uma afirmação. Uma fortaleza. Afirmando com todo amor e gratidão que existe em mim, que renasci nesse curso de especialização. Assim, como, eu também renasci no EdPopSUS. Então percebo esses lugares onde (re)nasci de suma importância para meu crescimento, para minha evolução, para minha saúde mental, psicológica e emocional. Ressalto aqui a importância das figuras cuidadoras Vera Dantas e Ray Lima nos meus processos (re)nascimentos. O universo me propiciou eles nesta minha caminhada de renascimentos e de percepção da arte, da cenopoesia, como lugar de acolhida, apoio, curas, aprendizados e afetos. As palavras que marcam esse tempo dois são: **amorosidade, arte, escuta e diálogo.**

3.2 CONSCIÊNCIA DE SI: SABERES, ARTE, CRIATIVIDADE E PRÁTICAS DE CUIDADO

FIGURA 5 – DESENHO DO TEMPO 3



Fonte da imagem: Arquivo pessoal da autora

Meu desenho do tempo três, representando a Unidade de Aprendizagem III simboliza a força e potência de aprendizado, autoconhecimento, afeto e emoção vividos durante esse momento do curso. Uma roda de pessoas dentro de um espiral e uma energia pulsante. A roda nesta imagem traduz a vivência da constelação familiar. Eu no centro, minhas companheiras e companheiros e a cuidadora Vera Dantas. A energia me veio muito forte neste módulo do cuidado.

Nesta Unidade de Aprendizagem III tivemos o módulo do Cuidado, onde pude estudar e vivenciar práticas integrativas e populares de cuidado, tais como, meditação, biodança, constelação familiar e o corredor do cuidado. Além dessas que participei também teve reflexologia e o sagrado feminino.

Lembro-me que quando soube que iria ter a vivência de constelação familiar, fiquei logo curiosa em saber como seria, que pessoa iria ser constelada... Daí comecei a conversar

com a Vera para saber os detalhes, mas ela não me revelava muita coisa, apenas dizia que tudo iria ser resolvido na hora. Então logo comecei a rezar e a pedir ao universo que eu pudesse ser constelada, pois já havia participado de constelações, e a muito tempo queria constelar. Estava ansiosa para que chegasse logo a vivência da constelação familiar, pois queria muito constelar... E eis que quando chegou a hora, tudo fluiu em perfeita harmonia e sintonia. Inicialmente a consteladora perguntou quem conhecia a constelação, poucas pessoas levantaram os braços. Ela seguiu com uma breve explicação e perguntou quem queria constelar. Um das três pessoas desejaram, dentre elas, eu. Cada uma apresentou suas situações e no final minha história foi escolhida. Fiquei feliz, emocionada e grata a Deus e ao Universo por me propiciar esse presente.

A vivência da constelação familiar foi muito profunda. Vivenciei situações reais da minha vida de uma forma diferente. Amparada pela consteladora e por todo o grupo que ali estava. A constelação familiar é uma terapia que atua no inconsciente dos participantes, é uma técnica que possibilita o encontro com os emaranhados pessoais em que vive o sujeito, buscando assim alcançar um novo patamar de equilíbrio e discernimento. Esse método foi criado pelo pedagogo, teólogo e psicanalista alemão Bert Hellinger, nos anos 80 a partir de suas experiências como missionário entre os povos Zulus, na África do Sul, como podemos ver,

Constelação familiar é um método psicoterapêutico de abordagem sistêmica, energética e fenomenológica, que busca reconhecer a origem dos problemas e/ou alterações trazidas pelo usuário, bem como o que está encoberto nas relações familiares para, por meio do conhecimento das forças que atuam no inconsciente familiar e das leis do relacionamento humano, encontrar a ordem, o pertencimento e o equilíbrio, criando condições para que a pessoa reorienta o seu movimento em direção à cura e ao crescimento (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018, p. 38)

A oportunidade de viver a constelação familiar² no curso desencadeou processos diversos em mim. Meu inconsciente foi ativado. Sai dali renovada! Renovada mesmo e

² A constelação familiar foi desenvolvida nos anos 80 pelo psicoterapeuta alemão Bert Hellinger, que defende a existência de um inconsciente familiar – além do inconsciente individual e do inconsciente coletivo – atuando em cada membro de uma família. Denomina “ordens do amor” às leis básicas do relacionamento humano – a do pertencimento ou vínculo, a da ordem de chegada ou hierarquia, e a do equilíbrio – que atuam ao mesmo tempo, onde houver pessoas convivendo. Segundo Hellinger, as ações realizadas em consonância com essas leis favorecem que a vida flua de modo equilibrado e harmônico; quando transgredidas, ocasionam perda da saúde, da vitalidade, da realização, dos bons relacionamentos, com decorrente fracasso nos objetivos de vida. A constelação familiar é uma terapia breve que pode ser feita em grupo, durante workshops, ou em atendimentos individuais, abordando um tema a cada encontro (BRASIL, 2018, p.38).

pensando sobre a minha vida, minhas coisas, minhas dores. Matutando sobre encarar os conflitos com meu próprio eu, com minhas relações sociais, dentre elas, as minhas relações familiares, situação que constelei naquela ocasião. Daí percebi e refleti que eu havia vivido tudo aquilo dentro de um curso de especialização e fiquei me questionando sobre qual curso de especialização propicia aos educandos e educandas momentos de autoconhecimento, cura e cuidado? Isso me deixou impactada. Eu, ao mesmo tempo que aprendi em um curso de especialização também fui cuidada. Segui em todo percurso do curso elaborando conhecimento, porém ressalto aqui que na Unidade de Aprendizagem III isso se deu de forma mais específica, pois tivemos um módulo somente sobre o cuidado e nele muitos estudos, textos, carinhos, afetos e claro as vivências reais que não poderiam faltar. O curso contou com as práticas integrativas, complementares e populares de cuidado em saúde neste módulo, sendo, Constelação Familiar, Reflexologia, Meditação e Biodança. Também teve a roda do Sagrado Feminino e o Corredor do Cuidado. A elaboração do conhecimento foi feita com cuidado e amor isso me tocou, mexeu comigo, me mobilizou sensitivamente e emocionalmente, de uma forma que me fez pensar como isso é mágico e místico. Ao mesmo tempo que aprendo, sou cuidada. E quem cuida, ensina.

Não posso esquecer dos banhos de som, das massagens, do reiki e do Corredor do Cuidado. Durante as conversas, debates sempre tinha alguém massageando, cuidando com as mãos, dos corpos que as vezes apresentavam certo cansaço. O Reiki era aplicado em momentos mais calmos, como, por exemplo, nos intervalos do almoço.

Para o Corredor do Cuidado trago aqui também um destaque especial, pois é uma vivência única e especial para quem participa. A primeira vez que participei do Corredor do Cuidado foi na acolhida da formação dos educadores populares do EdPopSUS no Ceará, em dezembro de 2017. Depois disso fui vivendo ele em outros momentos da minha vida, porém no percurso do curso ele se fez presente com muita potência e no módulo do cuidado ele veio com toda força e luz para cuidar dos educandos e educandas, educadores e educadoras. Como foi lindo o nosso Corredor do Cuidado, com massagens, reiki, cenopoesia, banho de som, abraços, beijos, palavras ditas ao pé do ouvido...Eita! Foi muita emoção! Não tem uma só vez que eu não adentre o corredor e não me emocione. Os pelos arrepiam, o coração bate forte e as lágrimas escorrem. As lágrimas não são de tristeza, são de emoção, de energia pulsando e transbordando.

O Corredor do Cuidado é uma vivência simples, não precisa de tantos aparatos para acontecer. Porém a simplicidade dessa vivência é de profunda riqueza cuidadora. Essa ideia do Corredor do Cuidado nasceu nos movimentos populares de massoterapeutas no Ceará que cuidavam e precisavam ser cuidados, daí surge um corredor humano que propicia a entrega e acolhida do cuidado. Hoje ele já está presente em diversos encontros, congressos, eventos do campo da saúde e da educação popular, movimentos populares e *até mesmo serviços de saúde de vários estados e até de países latino-americanos cujos companheiros e companheiras o vivenciaram e o recriaram em seus contextos* (DANTAS E FLORÊNCIO, 2015), como podemos ver a seguir,

O jeito como acontece é simples. Antes, os cuidadores fazem uma pequena explanação sobre os sentidos do corredor e o papel de cada pessoa nele. Em seguida forma-se um corredor humano e alguns cuidadores ficam fora dele para fazer um cuidado individual em cada pessoa. Após esse cuidado individual, a pessoa adentra no corredor enquanto o cuidador diz ao seu ouvido, palavras de força, valorização, estímulo e confiança. A pessoa, de olhos fechados, segue vagarosamente pelo corredor permitindo-se ser cuidada por todos e todas. Ao final é acolhida com um abraço pela pessoa que está no final e logo a seguir esta assume o seu lugar para acolher o próximo participante.

No percurso das Farinhadas e outros encontros, o diálogo e interação com outras práticas como as práticas tradicionais indígenas e da afro religiosidade, o reiki, além dos grupos de teatro, folguedos populares e da cenopoesia novos ingredientes foram sendo acrescentados ao cuidado com toques de massagem originalmente utilizado. Assim é que hoje as vivências do corredor têm agregado, cuidados com tambor, maracás, ervas medicinais aromáticas, pedras, músicas, poesias que se incorporam de acordo com o contexto onde ele ocorre e em geral, o corredor se transforma ao final da vivência, em uma grande roda ou espiral que nos permite refletir sobre a relação não apenas com os seres humanos mas com o planeta e o universo (DANTAS E FLORÊNCIO, 2015)

Dessa forma, o Corredor do Cuidado foi um espaço que me possibilitou ser cuidada e cuidar ao mesmo tempo. O corredor é esse espaço mútuo de cuidar e ser cuidada, um ambiente de colaboração e cooperação. E ao final, na grande roda, nos círculos dentro dos círculos sem início e sem fim, pude olhar olho no olho dos companheiros e companheiras do curso, trocando olhares, canções e afetos, me percebendo ser humana nessa relação com meus semelhantes, com a divindade, com a natureza e com a dádiva da vida, é como canta SOARES (2019), *O fim, vai se encontrar, com o começo de tudo, de tudo, de tudo que vai acabar. O fim vai se encontrar, com o começo de tudo, de tudo, de tudo que vai terminar* (SOARES E RÉGIS, 2019, p.8). Não existe o fim e o começo, ambos se encontram e seguem o movimento circular da vida, é como o movimento das marés.

O cuidado neste curso de especialização cumpriu um papel importante para a aprendizagem, pois ele foi tratado além de mero instrumento das horas de intervalo. O cuidado esteve presente em todo o percurso pedagógico deste curso, inclusive presente na base pedagógica. Além de compor a matriz curricular, teve também um módulo específico para tratar sobre o cuidado, enfatizando as práticas integrativas e populares do cuidado em saúde. Tudo isso propiciou uma relação leve e envolvente para o ensino-aprendizagem. Fiquei me questionando onde isso acontece? Em quais escolas? Quais universidades? Quais cursos? Onde o cuidado como componente curricular, como parte de um processo pedagógico está presente?

Essa é uma forma de conceber a educação de maneira integral e não compartimentada em caixinhas como propõem a educação bancária. Somos seres integrais, onde razão e emoção estão conectadas, ou seja, não posso deixar minhas dores e sofrimentos fora da sala de aula, pois elas estão entranhadas em mim, assim como minha história, meus contextos, minha cultura e tudo isso compõem meu repertório humano, como afirma a cenopoesia. A integralidade nos vê como seres por inteiro e não fragmentados, onde essência, contexto e cultura andam de mãos dadas pela estrada da vida. O curso teve a preocupação de perceber, acolher, ensinar e cuidar dos educandos e educandas partindo da ótica de perceber as pessoas como um todo, por isso que o cuidado esteve presente desde matriz curricular. Isso é pensar na saúde dos indivíduos e indivíduos, principalmente tendo em vista que esse foi um curso voltado para educadores e educadoras populares que atuam em territórios vulneráveis, cheios de histórias que envolvem questões sociais que afetam suas comunidades e conseqüentemente suas vidas. Então esse espaço do curso foi um lugar para aprender, problematizar, ser cuidada e também cuidar. Pensar esse cuidado coletivo, é propiciar uma discussão acerca da saúde dos educandos e educandas envolvidos no processo, possibilitando questões para serem discutidas e superadas desenvolvendo a emancipação e autonomia, como afirma DANTAS,

Pensar a saúde das coletividades é antes de tudo levar em conta as situações concretas presentes na vida que precisam ser discutidas, superadas, na perspectiva de desenvolvimento e autonomia dos sujeitos implicados. Isso pressupõe que consideremos a dimensão da subjetividade e das singularidades individuais, familiares e comunitárias (DANTAS, 2009, p.124)

Cada educando e cada educanda do curso trouxe consigo suas vivências e histórias, compondo assim o repertório humano, *isto é, aos saberes aprendidos nas experiências de vida, que são gerados no convívio sociocultural e que se tornam vitais para o nosso existir*

(DANTAS, 2015, p.150). Muitas das singularidades individuais, familiares e comunitárias foram problematizadas no curso, proporcionando a reflexão sobre diversas situações – limite. As vivências de práticas populares de cuidado bebem dos saberes dos povos originários e dos movimentos sociais, dessa forma fomos fortalecidos para atuar nas nossas lutas e nas nossas vidas, pois fomos cuidados com os saberes ancestrais, como ressalta DANTAS,

A potência das práticas de cuidado expressa-se nas contribuições trazidas das culturas locais e do saber de experiência que, por sua vez está calcado nas necessidades de superação dos desafios cotidianos. Também, potência por chamarem a dimensão da integralidade que emerge da experiência popular e inclui a subjetividade, a religiosidade e a arte, entre outras das diversas dimensões do viver humano (DANTAS, 2009, p. 133)

A integralidade também trabalha com as dimensões da espiritualidade e da arte como afirmou DANTAS (2009), estando também essas dimensões presentes no percurso do curso. A arte ecoou em nossos corpos e mentes na elaboração do conhecimento. Aprendemos com arte e produzimos arte. Diversas foram as sínteses artísticas e criativas criadas e elaboradas ao longo do curso. A arte foi capaz de tecer redes de conhecimentos, muitas vezes deixando conteúdos densos de forma leve propiciando a aprendizagem, como podemos ver a seguir, numa citação que traduz muito bem isso que quero expressar,

A arte revelou-se cartilagem capaz de costurar momentos, saberes e densidades, propiciando leveza e criatividade. A cenopoesia possibilitou uma formação ético-estético-política ao incluir a potência da informalidade e a transdisciplinaridade, por meio dos repertórios humanos e da relação com o outro e com o seu contexto (DANTAS, SILVA E JUNIOR, 2019)

A costura desses momentos foi tecida com a leveza e criatividade que a arte propicia. A arte também favorece a produção de significados e sentidos, elaborando dessa forma conceitos e conhecimentos. Foi como a espinha dorsal condutora deste processo. Com essa arte vivenciamos também a Cenopoesia, criada pelo mestre Ray Lima. A Cenopoesia apresenta diversos mecanismos pedagógicos que oportunizaram na especialização o aprendizado regado com arte. Produzimos conhecimento e saúde, como afirma LIMA (2013),

A cenopoesia tem demonstrado nas oportunidades que a ela têm sido ofertadas – sua potência e leveza, inclusive como ferramenta pedagógica em processos vivenciais de acolhimento, humanização, educação popular e produção de conhecimento e saúde. Dessa forma, vem destravando relações e propiciando diálogos densos, no sentido de promover e construir ambientes favoráveis à dialogicidade entre pessoas e saberes artísticos e científicos, formais e não formais. Tem possibilitado reflexões e práticas de humanização em diferentes espaços e lugares no campo da Saúde e fora dele também, e muito. (LIMA, 2013, p.35)

Dessa forma, a Cenopoesia cumpriu um papel de relevância profunda do curso, colocando em diálogo os saberes científicos, populares e artísticos. Destaco aqui inclusive que o grupo de educandos e educandas contava com duas turmas em uma, ou seja, esse curso foi de especialização e aperfeiçoamento, porém não tivemos duas turmas separadas. Estávamos todos juntos trocando, partilhando e elaborando o conhecimento que perpassa pelos aprendizados prévios que cada pessoa carrega consigo. A cenopoesia é acolhedora, humanizadora e educadora popular. Propiciou os diálogos mais densos e tensos, promovendo assim um ambiente favorável de ensino-aprendizagem. Cenopoesia e educação popular caminharam juntos nesse percurso pedagógico, bebendo no repertório humano, onde fomos capazes de problematizar nossas histórias,

Em sua relação com a educação popular a cenopoesia vai buscar no repertório humano o ponto de encontro dos atores-sujeitos a imergir em processos de aprendizagens pela interação e problematização do existir, levando-os à própria reinvenção enquanto universo singular, sensível e inteligente, capaz de recriar-se a si mesmo e influir na mudança do outro ao cooperar, interagir para valer. (DANTAS, 2019, p.28)

Sendo assim, *“As técnicas artísticas podem mobilizar o corpo todo na produção, revelando fontes conscientes e/ou não conscientes do conhecimento, provocando o estranhamento e possibilitando o despertar e a afirmação da potência dos sujeitos* (MASULLO, 2015, p. 32). O despertar da consciência ou da inconsciência nos possibilitou despertar para pensar e agir sobre nossas vidas e nossos territórios, corpos e espaços vulneráveis e sofridos pelo sistema opressor. Porém problematizamos e pensamos na utopia e nos inéditos viáveis que podemos traçar para a superação do Ser mais!

Quando falamos em integralidade também estamos falando de aprender com o corpo todo, ou seja, processos pedagógicos que envolvem a mente, o corpo, sentimentos e emoções, mesclando teorias e práticas, *é pensar um pouco as construções de conhecimento sobre o corpo que se movimenta e cria, ao ouvir e sentir* (SOARES, 2015, p. 46), concebendo assim a mágica e importante perspectiva, que somos um todo, um micro universo e que esse conecta os saberes com o corpo de forma integral, com a audição, com a visão, com o movimento, com a dança, com o paladar, com os cheiros do ambiente, da natureza e das pessoas que estão ao nosso redor com seus infinitos conhecimentos e práticas. A conquista do conhecimento perpassou e se materializou nos poros destes micro universos do corpo todo, que se abriram

nos atos sutis de uma melodia dançante na cadência aveludada da voz ao recitar poemas vivos de experiências, sentidos, sabores, amores e ciências, como afirma PETIT (2015),

Existe uma unidade cósmica entre os mundos mineral, vegetal, animal e humano, fazendo com que tudo seja interligado. Essa visão de totalidade faz com que os sentidos corporais sejam todos entrelaçados também. Assim, as palavras falar e escutar envolvem ver, ouvir, cheirar, saborear, uma percepção total (PETIT, 2015, p. 113)

Essa ligação cósmica conecta os mundos e seres, interligando os modos, saberes e práticas. Por isso as místicas se fizeram também presentes para propiciar uma ligação com nossa espiritualidade, pois nossos corpos são sagrados e se conectam com uma força divina superior que guia quem somos, nossos sonhos, desejos e vidas. Sendo nossos corpos templos sagrados, tudo o que nos envolve parte de uma concepção sacra e nos faz aprender com todos os sentidos que dádiva divina nos presenteou. Nossos corpos estão ligados com a natureza, somos natureza! Desse modo, *o corpo é parte do território natureza e como tal elemento de sacralidade; um corpo que, por excelência, comunica-se e produz fazeres e saberes. Um corpo que fala por meio da palavra, do gesto, do toque, do choro e também por meio da dança* (RÉGIS, 2017, p. 26). Por isso o ensino-aprendizagem perpassou por todo nosso corpo. Corpos esses que carregam histórias, memórias numa dimensão individual, mas que por si também estão conectadas com a memória de um coletivo, do território que habita, (...) *o corpo como fonte e produtor de conhecimento, não dispensa uma teorização, mas sempre desde o corpo, e esse corpo possui uma história, uma memória que, mesmo tendo sua dimensão individual, remete necessariamente a um coletivo* (PETIT, 2015, p.153). Os territórios de onde viemos são territórios vulneráveis, com muitos desafios a serem enfrentados. Territórios de mulheres, pescadoras, jovens, negros, sem terra, lideranças, profissionais dos SUS, gente que luta, que defende a vida, resistindo, gente que descoloniza saberes de uma cultura dominante eurocêntrica, mas que traz consigo suas histórias, seus saberes, sua arte, seu repertório humano com modos de pensar, conceber e viver a vida e que por isso elaboram conhecimento com um todo maior. GAUTHIER (1999), ressalta,

A importância do corpo como fonte de conhecimento;
A importância das culturas dominadas e de resistência, das categorias e dos conceitos que elas produzem;
O papel dos sujeitos pesquisadores como co-responsáveis pelos conhecimentos produzidos, sendo estes copesquisadores;
O papel da criatividade de tipo artístico no aprender, no conhecer e no pesquisar.
A importância do sentido espiritual, humano, das formas e dos conteúdos no processo da construção do saber. (GAUTHIER, 1999, p. 11).

Considerando todos esses aspectos e perspectiva de ensino e aprendizagem nossos corpos elaboraram e produziram conhecimentos problematizando nossas histórias com arte, mística, cores, sons, danças, sabores, cheiros e abraços, aprendemos com o corpo todo!

Tive a oportunidade e a dádiva divina de poder vivenciar esse curso que tem em sua base pedagógica o cuidado. O que vivi desde o começo, foram variadas formas de ensinar com arte, afeto, problematização e cuidado. Vínculos foram criados e a autonomia de educandos e educandas foi sendo despertada ao longo do processo, esses aspectos também pertencem a integralidade em saúde, como ressalta SILVA (2014),

Construir vínculos aparece como um chamamento e às vezes como um mantra, quando se discute o cuidado em saúde. O conceito de vínculo em si mesmo nada diz fora do contexto onde essa produção acontece, pois cada contexto de cuidado é singular e reflete uma realidade que se institui de maneira dinâmica (SILVA, 2014, p.252)

Esse mantra da construção dos vínculos foi entoado ao longo do curso da especialização, ousou até dizer que ele literalmente foi mantra para nosso curso, cantado com nos versos musicais do cenopoeta Ray Lima: *“Escuta, escuta, o outro, a outra já vem. Escuta, acolhe, cuidar do outro faz bem”*. Esse contexto de cuidado no curso se constitui de maneira leve e sutil. Fomos cuidados de forma dinâmica, com a utilização de diversas formas de cuidar. Cuidar para aprender. Aprender para cuidar. Ora éramos educandos e educandas. Ora éramos educadores e educadoras. Ora éramos cuidados e cuidadas. Ora éramos cuidadores e cuidadoras. Vivemos uma dualidade que foi possível com a educação popular que nos coloca em constante movimento de aprender e ensinar, de ação-reflexão-ação. Como Silva (2014) ressalta, cada contexto de cuidado é singular e o que vivenciamos nessa proposta pedagógica foi algo que nos mostra as possibilidades para uma educação centrada na integralidade humana, respeitando seus sonhos, saberes e histórias.

Nessa parte do texto já começo a finalizar este último capítulo da narrativa. Trago aqui as palavras geradoras que falam do encontro regional e do encontro interestadual. As palavras geradoras escolhidas por mim para tratar sobre o encontro regional e interestadual, foram: **resiliência, força coletiva e coletividade**. Mesmo com todas as dificuldades e adversidades, a gente se encontrou! Nossa força, nosso potencial artístico, mobilizador e articulador de sonhos fez com que impulsionássemos e garantíssemos a finalização do curso com os momentos coletivos para a socialização dos trabalhos feitos no Tempo – Comunidade, nosso produto artístico da sistematização. Acredito que esses encontros serviram para nos mostrar

como somos fortes, como somos potentes. Somos pessoas que fazemos o diferencial em nossos territórios. Nossa força é rica, potente e resistente, porque “*nossa história é tão antiga, se eu for contar, você dúvida!*” (Ray Lima).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Tu me ensinas que eu te ensino o caminho, no caminho, com tuas pernas, minhas pernas andam mais”

Johnson Soares

Chego aqui nessas considerações finais repleta de alegria, amores, afetos, aprendizados e vibrando desejos de continuidade. Chegar é bom, mas bom mesmo é o percurso. É na trajetória que aprendemos. É no caminho que as histórias acontecem. Nesse caminho pude vivenciar a potência da educação popular como forma de problematizar nossas histórias e contextos para assim ampliar a visão de mundo e partir em busca dos inéditos viáveis. Isso foi possível caminhando junto, caminhando com minhas pernas, mas não tão somente, caminhando com companheiros e companheiras que seguraram minhas mãos e nessa ciranda dançamos um passo coletivo na construção e elaboração do conhecimento na busca por ser mais e pelo bem-viver.

O caminho foi ensinado ao mesmo tempo que ensinamos também. A dança foi circular, pois aqui não tem começo, nem fim. Tem círculos que crescem, diminuem, giram, na medida do passo do cirandeiro e da cirandeira e da batida do tambor. Assim como o movimento cíclico da lua que nos mostra em sua sabedoria que tudo é fase. Começa pra terminar, depois termina pra começar. Tudo é fase! Tudo é cíclico! É o movimento da vida!

Escrever essa narrativa autobiográfica sobre o cuidado no percurso pedagógico do deste curso, foi um grande presente e uma dádiva do universo para que eu pudesse parar e refletir sobre os aprendizados e impactos que esta especialização deixou em minha em minha vida. Serei eternamente grata por tudo o que vivi nesse curso!

Sendo assim, percebi que o cuidado esteve presente em todo o percurso pedagógico do curso até seus momentos finais-

No que diz respeito às atividades pedagógicas do Tempo-Escola, o cuidado não foi um mero texto burocrático para orientar o curso. Ele esteve presente na matriz curricular do curso e se fez palpável em todo o percurso vivenciado com toda potência, formosura e magia,

guiando a maioria das nossas vivências de aprendizado. Respeito e cuidado com os educandos e educandas foi pauta constante nas atividades.

Com isso aprendo que o processo de ensino e aprendizagem deve ser pautado e referenciado no cuidado de todos os sujeitos envolvidos. Essa reflexão me instiga a incluir isso na minha prática de educadora mesmo considerando os limites e desafios que o espaço formal da escola tem. Da experiência com as abordagens pedagógicas do curso é possível perceber que ensinar não é apenas despejar conteúdos na cabeça dos educandos e educandas. Ensinar pressupõe conhecer o grupo, acolher, tratar bem, criar vínculos, problematizar, traçar estratégias e celebrar, isso nos ensinou Paulo Freire.

A experiência aponta para a amorosidade, a compaixão, o acolhimento do educando, da educanda, considerando seus saberes, suas histórias e contextos, sua cultura e sua espiritualidade. Estas categorias configuram a dimensão cuidadora que apontam para uma práxis pedagógica decolonial e que, portanto, rompe com a lógica cartesiana e eurocentrada. Nesse sentido evidenciou-se a coerência entre teoria e prática como propõe Freire

A participação na vivência de constelação familiar contribuiu para uma reorientação da minha vida em direção aos processos de cura, autonomia e crescimento pessoal e desvelam o acolhimento e humanização a que se propõe a educação popular abrindo possibilidades dos educandos e educandas construírem caminhos para emancipação e libertação.

Um dos aprendizados do trabalho, é a constatação de um processo pedagógico pautado na integralidade e que, portanto, rompe com a compartimentalização do conhecimento e com a perspectiva conteudista. Nesta experiência aprendemos com o corpo todo, na conexão entre razão e emoção com as potências expressivas da arte. Ao considerar todas essas possibilidades de aprendizado o curso evidencia uma concepção de educação como forma integral de crescimento, expansão do conhecimento e evolução física, material e espiritual

As produções artísticas elaboradas por meio da arte e do corpo ao longo do curso, desvelaram a ideia de arte também como forma de cuidado. Nesse sentido, como cuidado, propiciou integração, leveza para conteúdos densos, possibilidade de problematizar, refletir e produzir sínteses.

A vivência de constelação familiar me colocou no movimento de aprofundar o autoconhecimento gerando mudanças no meu consciente e no meu inconsciente

Como o encontro das águas doces do rio, com as águas salgadas do mar a constelação produziu a emergência de emoções, memórias, sofrimentos que vieram à tona para depois se conectarem, alinharem e seguirem o fluxo. Assim como é o encontro das águas doces do rio, com as águas salgadas do mar. Inicialmente causam um movimento medonho, mas depois se

conectam, se alinham e seguem o fluxo em direção da alegria e da realização. Nesse movimento fui me colocando também no lugar de cuidadora.

Outro aprendizado confabula sobre os conhecimentos elaborados e os diálogos na produção de sentidos e significados articulados entre cuidado, arte e criatividade. Ele afirma sobre a potência de nossas produções com arte significando e ressignificado saberes e fazeres.

Nessa perspectiva a experiência nos referênciamos também a arte contribuindo na elaboração e produção do conhecimento com leveza, alegria propiciando a promoção da saúde e do bem – viver. Nesse curso produzimos conhecimento e saúde como canta o poeta Ray Lima em uma de suas canções,

*Na vida, rola a brincadeira,
rola a bola do universo,
rola a prosa, rola verso,
saúde vem da in-formação,
das ciências, do cuidado,
do saber acumulado,
seu doutor, da cultura popular.*

Nos diversos momentos do curso a arte articulou razão e emoção e emergiu como potência criativa. Ao incorporar a estética popular nos guiou por caminhos de sentimentos, sentidos e significados no rumo da utopia. Em sua essência integradora foi expressão também da espiritualidade permitindo motivações subjetivas e profundas para o trabalho e para a luta por saúde. A partir dessas duas dimensões vislumbro que outro mundo é possível, que outra saúde pode ser reinventada, criada e recriada com base no cuidado acolhedor e humanizado.

A experiência desse processo como um todo me revelou cada vez mais a importância de cuidar de mim, para cuidar do outro, para cuidar do mundo. Essas três dimensões precisam estar conectadas. E assim vamos cuidando do nosso mundo e dos mundos que nos cercam. Recriando, ressignificando, resistindo e esperando, o movimento é cíclico, pois *“somos um círculo, dentro de um círculo, sem início e sem fim...”*

Não espere que eu te espere
Na esperança de esperar
Minha rima só tem força
Com o verbo esperar

Quando pensa que sabe tudo
E que deve o outro libertar,
Sabe nada essa pessoa
Da educação popular

Não reconhece a luta
Do poder popular
Vive imerso na educação bancária
Que Freire na Pedagogia da Esperança
Novamente vem a criticar

Só ensinar o conteúdo
Não é ato de educar
Transformação só acontece
Com uma crítica no pensar

Nossa coragem vem da terra
Nos ensinando a regar
E colher no tempo certo
Sem o chão prejudicar

Não se perca na esperança
De simplesmente esperar
A espera pela espera
Não promove o transmutar

Transformação só se alinha
Com o desejo de mudar
Mudança só é possível
Na ginga do esperar

5.REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar ética do humano – compaixão pela terra**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

BRAGA, Osmar Rufino. **Autobiografização e formação de juventudes : uma reflexão sobre a produção da vida na periferia**. 2013. 370f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Programa de Pós- Graduação em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. Disponível em: < http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/4219/1/FPF_PTPF_12_102.pdf >. Acesso em: 24 de abril de 2020.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Glossário temático: práticas integrativas e complementares em saúde**. Secretaria –Executiva. Secretaria de Atenção à Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

DANTAS, Maria Josevânia. **Cenopoesia, a Arte em Todo Ser: das Especificidades artísticas às interações com e educação popular**. 2015. 194f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

DANTAS, Vera Lúcia de Azevedo. FLORÊNCIO, Edvan. **Cuidar do outro é cuidar de mim cuidar de mim é cuidar do mundo; o Corredor do Cuidado. Rede Humaniza SUS. Out.2015**. Disponível em: <<http://redehumanizasus.net/92756-cuidar-do-outro-e-cuidar-de-mim-cuidar-de-mim-e-cuidar-do-mundo-o-corredor-do-cuidado/>>. Acesso em: 24 de maio de 2020.

DANTAS, Vera Lúcia de Azevedo. **Suíte de sol e chuva de esperanças: aprendizagens, sonhações, afetos: O EdPopSUS no Ceará**. João Pessoa: Editora do CCTA,2019. Disponível em: < <https://drive.google.com/file/d/1PXM8IH7XbtM4his1Dds43q4XpTRIQWM6/view>>. Acesso em: 29 de maio de 2020.

_____. **Círculos de Cultura: problematização da realidade e protagonismo popular**. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. **II Caderno de educação popular em saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

_____. **Das Cirandas da Vida aos Processos de Educação Popular e Saúde no Ceará e no Brasil**. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **De sonhação a vida é feita, com crença e luta o ser se faz: roteiros para refletir brincando : outras razões possíveis na produção de conhecimento e saúde sob a ótica da educação popular**. Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Brasília : Ministério da Saúde, 2013.

_____. **Dialogismo e arte na gestão em saúde: a perspectiva popular nas Cirandas da Vida em Fortaleza- CE**. 2009. 323f. Tese (Doutorado em

Educação) – Faculdade de Educação. Programa de Pós- Graduação em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

DANTAS, Mayana Azevedo Dantas.; SILVA, Maria Rocineide Ferreira da.; JÚNIOR, André Ribeiro de Castro. **Aprendizagens com o corpo todo na (trans)formação de educadores (as) populares do Curso Livre de Educação Popular em Saúde (EdPopSUS)**. Revista Scielo, Botucatu, Abril 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832020000100230&script=sci_arttext>. Acesso em: 12 de maio de 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GAUTHIER, Jacques. **Sociopoética: encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais, enfermagem e educação**. Rio de Janeiro: AnnaNery/UFRJ, 1999.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. Tradução de: Maria Viviana V. Resende. 2. ed., revista. – Brasília: MMA, 2006. 128 p.; 24 cm. (Série Monitoramento e Avaliação, 2).

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Porto Alegre – RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf>. Acesso em: 28 de março de 2020.

LIMA, Ray. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **De sonhação a vida é feita, com crença e luta o ser se faz: roteiros para refletir brincando: outras razões possíveis na produção de conhecimento e saúde sob a ótica da educação popular / Ministério da Saúde**, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. – Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

LOUW, Dirk. **Ser por meio dos outros: o ubuntu como cuidado e partilha**. Revista UHU, São Leopoldo – RS, v.10, n.4, p.45-49, dez.2010. Disponível em:<http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3687&secao=35>. Acesso em:28 de março de 2020.

MASULLO, Alessandra Sávia da Costa. **Na pisada feminina do Coco cearense: saberes, lutas, batuques ancestrais e contemporâneos**. 2015. 145f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) - Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

NASCIMENTO, Elisa Larkim. **Adinkra: sabedoria em símbolos africanos**. In: NASCIMENTO, Elisa Larkim; GÁ, Luíz Carlos.. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

PESSOA, Vanira Matos. RIGOTTO, Raquel Maria. CARNEIRO, Fernando Ferreira. TEXEIRA, Ana Cláudia de Araújo. **Sentidos e métodos de territorialização na atenção primária à saúde**. Ciênc. saúde coletiva [online]. 2013, vol.18, n.8, pp.2253-2262. ISSN

1413-8123. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000800009&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 10 de maio de 2020.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral- contribuições do legado africano para a implementação da lei 10.639/03**. Fortaleza: EdUECE, 2015.

RÉGIS, Sávia Augusta Oliveira. **Pretagogizando a Contação de Histórias Africanas e Afro-Brasileiras: Caminhos Pedagógicos para a Construção do Pertencimento Afro**. 2017. 125f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. Revista Scielo, São Paulo – SP, n.79, Nov.2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000300004>. Acesso em: 27 de março de 2020.

SILVA, Maria Rocineide Ferreira da. **O cuidado além da saúde: cartografia do vínculo, autonomia e território afetivo na saúde da família**. Revista Mineira de Enfermagem, Minas Gerais –MG, volume 19.1, Nov.2014. Disponível em: <<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/1000#>>. Acesso em: 29 de maio de 2020.

SOARES, Francisco José da Silva. RÉGIS, Sávia Augusta Oliveira. **Os pequenos guardiões Yorubás**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019.

SOARES, Francisco José da Silva. **O Teatro e a Afrodescendência: elementos da afrodescendência no trabalho de criação e preparação dos atores e atrizes**. 2015. 69f. Monografia. (Licenciatura em teatro) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Fortaleza, 2015.